5. Conclusão

Esse trabalho foi construído visando alcançar um objetivo principal: o de apresentar um outro modo de viver a mesma vida. Pode parecer confuso, porém, o cristianismo não pode existir em uma outra esfera de existência que não seja esta, por dizer, histórica, material e humana.

A relevância desse argumento se encontra na compreensão do senso comum de que o cristianismo, com seu “modo” de vida, não teria mais nada a oferecer a um mundo moderno e evoluído, no qual as ingenuidades difundidas e o cerceamento de liberdades provocado pela hegemonia cristã já passaram. Contudo, há ainda algo a ser oferecido pelo cristianismo à humanidade: oferecer-se a si mesmo.

Para esclarecer esse propósito, faz-se um resumo com sua conclusão iniciando do final para o começo, ou seja, do objetivo proposto e alcançado para evidenciar o percurso que foi seguido.

A parte final deste trabalho visou responder a dois momentos do texto de Fl 2,5: o “tipo de sentimento” de Jesus Cristo e, o modo de “o mesmo”. Ficou demonstrado que “o mesmo” está fundamentado no seguimento que imita o Ressuscitado e que, por isso, preferiu-se denominar este seguimento de discipulado, a fim de ressaltar não somente o aprendizado teórico, mas o replica a “vida” de seu Mestre em seu próprio viver. Essa “imitação” considera as nuances da liberdade individual por se apresentar como construção de um caminho, o qual mantém a identidade do discípulo. O despojamento não anula a liberdade, ao contrário, ele é fruto da liberdade, é ato de um ser livre.

O discípulo se apresenta como servo à humanidade, uma autodoação abnegada que permite desenvolver uma estrutura de irmandade, de comunidade, com toda e qualquer pessoa que lhe esteja próximo. Um serviço produto de uma atitude de humildade absurdamente livre e que se permite, por vezes, ser humilhado pelo simples fato de se submeter ao outro. Longe de ser isso escravidão e domínio, deve ser visto pela ótica da liberdade e da entrega voluntária e radical. Por isso, a cruz assume papel importante nesse momento do

trabalho. Não que ela seja o ponto exclusivo e único do despojamento, e sim por apresentar-se como um ícone desse que é um processo. A cruz simboliza o sofrimento oriundo da livre renúncia de algo valioso ao discípulo, o faz porque o outro precisa dele e dessa sua renúncia. Chega até a cruz por se doar completamente e radicalmente à necessidade do outro, por assumir amplamente o seu papel de serviço abnegado, de servo. Assim, se chega a conclusão de que não há discipulado, não há seguimento à Jesus, que não implique em cruz, em sofrimento.

Contudo, todo esse processo de discipulado se inicia com o ato de revelar o amor. E, aqui, se faz importante ressaltar que esse revelar não se dá em caracteres teórico. O amor expresso nesse trabalho é melhor entendido como caridade, sem que com isso se confunda com atitude de dar esmolas, mas o identifica com a prática do bem. Esse amor precisa ser exercido para ser compreendido e conceituado. Foi assim que Jesus fez, ele foi puro amor em ação. Desse modo, o discípulo ao agir em amor livre e abnegado, em autodoação ao outro, revela em si “o mesmo” modo de vida de Jesus Cristo, replica e revela seu caminho de viver para o outro. A vida do Homem de Nazaré apresenta o Reino de Deus ao mundo. A vida do Reino é a vida do Cristo, suas ações são as ações do Reino, logo, seus seguidores são convidados a este Reino ao praticarem as mesmas ações. E, ao fazerem isso, acabam por revelar ao senhor do Reino.

Entende-se que não seja possível ser nomeadamente cristão sem que seja cidadão do Reino. O que exige viver no modo de vida do Reino. E, em virtude disso, o serviço, o sacrifício e a revelação desvelam seu elemento chave: o amor abnegado. O mesmo “tipo” de amor do Pai (cf. Jo 3,16). É o amor a cidadania do Reino de Deus e, por inferência, a *kenosis* é seu modo de se expressar na realidade.

Embora essa parte final do trabalho responda ao convite de Fl 2,5, ainda restam duas perguntas: Como é possível viver essa nova vida de discipulado abnegado? E qual foi o “sentimento” de Jesus?

A resposta para a primeira pergunta se encontra na esperança cristã. Ela é o elemento de ligação entre a *kenosis* de Jesus Cristo e a *kenosis* do discípulo, porque permite a este discípulo transcender, ir além de si mesmo e do “mundo”, oferecendo-lhe uma nova visão da realidade, a fim de que se perceba como um agente transformador nesse mesmo mundo. É a fé no Ressuscitado que o

impulsiona e o convida a esse seguimento de despojamento e de autodoação. Ainda que alguns considerem a esperança cristã como uma força que retira o homem de sua realidade histórica, o agir dela é totalmente distinto. Talvez, grande parte deste equívoco esteja na própria construção realizada pelo cristianismo em projetar a felicidade somente para um futuro, sempre inalcançável para a maior parte das mentes que tentam entender isso. Assim, se construiu um conceito de Reino de Deus para um mundo que não é este de agora. Contudo, ainda que a plenitude do Reino e da felicidade possam estar em um amanhã, eles começam a se tornarem presentes no hoje, e isso somente é possível pelo assumir a promessa e por meio da esperança trazer esse tempo futuro para o presente. Por causa dessa relação, ao se falar sobre *kenosis* pode parecer fuga do mundo, quando na verdade é agir no mundo. E, é a esperança cristã que permite esse “novo” falar sobre a *kenosis*.

Esse recondução do cristianismo à história, ao mundo dos homens, propiciado pela esperança vem desse caráter escatológico que a contém. Mas, é preciso reforçar o aspecto transcendente que ela possui considerando sua origem e destino no mesmo Deus. A esperança enquanto dom do Pai no Filho e pelo Espírito concede esse movimento na direção de um futuro pleno, diferenciando-se de uma mera expectativa, ou, pior, de qualquer equívoco de considerá-la como espécie de ilusão. A esperança não é alienante do ser humano porque Deus é o seu objeto, logo, esse destino é verdadeiro. De igual forma, não é alienada por ter sua origem no mesmo Deus e em sua ação na história por meio de Jesus Cristo. Deste modo, fecunda essa mesma história do agora para que irrompa o Reino.

Exatamente essa condição de “afetar” a realidade, ou o modo como se percebe essa mesma realidade, é que permite à esperança o “poder” de ser uma “chave hermenêutica” de cunho teórico (sistemático), sem dúvidas, mas com toda a sua força na prática, nas ações do Reino (pastoral). Ofertando dita qualidade ao discípulo abrindo a via para que o seu despojamento possa ocorrer, afinal a fé é o elemento que filtra essa história em uma nova história sem negá-la, mas assumindo e transcendo-a. Quiçá seja isso que o apóstolo queira dizer em 1Cor 1,18 quando afirma que “[...] a linguagem da cruz é loucura [...]”. O seguidor de Cristo vive como um “louco” por dar valor ao que corriqueiramente não teria valor, por oferecer perdão a pessoas que não o merecem, por conseguir enxergar alegria onde só há dor, esperança onde só há desespero, bondade onde só há

maldade, ser como Jesus ao caminhar em cada rua, viela e beco das cidades e vilas que percorreu. E levar em si a mensagem do Reino de Deus, na verdade, ser em si mesmo essa mensagem do Reino.

Chega-se, então, ao originador dessa esperança e o modelo a ser imitado pelo discípulo: Jesus Cristo. Ele é a nossa esperança. Essa esperança que vem da *kenosis* do Filho que se fez um de nós, um irmão, porque viveu, morreu e ressuscitou. Sendo ele o maior exemplo de abandono de si mesmo, de autodoação e de radicalidade em seu compromisso de amar até o fim.

Esse compromisso se revela em sua atitude de serviço ao outro. Um senhorio de serviço que indica o quanto o amor que ele demonstrou está vinculado a cada pessoa humana em sua individualidade, pois se “rebaixa”, se “despoja”, para estar perto, estar junto. É certo que aquele que ama sem reservas e que se constitui na própria definição do que seja amor não precisa deixar de ser algo para poder passar a ser outra coisa, seu “esvaziamento” se conecta com sua solidariedade salvífica e não com perda de qualquer natureza.

O caminho de serviço pleno e abnegado no amor o conduziu até a cruz. Foi a radicalidade de sua entrega, seu compromisso, que responderam a pergunta de até onde o despojamento pode levar? Qual o limite para se esvaziar de si mesmo? Sua vida respondeu, sua morte confirmou e sua ressurreição concretizou a esperança. Até a morte e morte de cruz (cf. Fl 2,8). A entrega radical de Jesus levou a revelação do amor até os limites não imagináveis por escancarar um coração que pulsava ao ritmo da necessidade de seu próximo, mesmo que esse fosse um inimigo seu declarado, o que fica evidente nas fortes palavras: “[...] Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem” (Lc 23,34).

Aqui fica respondida a segunda e última questão exposta no texto de Fl 2,5 sobre o tipo de “sentimento” de Jesus: amar até o fim. Eis o tamanho da entrega e a definição do que seja amor. Um despojamento sem qualquer reserva de si, doando-se completamente ao outro. Um ato de sacrifício por não colocar limites, e por romper aos seus próprios limites (cf. Lc 22,42) em razão do objetivo de revelar o “tipo” de amor que o Pai ama.

A vida de Jesus Cristo revelou o Pai (cf. Jo 5,30; 6,38). Revelou o quão próximo está esse Deus de todo e qualquer ser humano, em toda e qualquer condição que se possa encontrar. Trouxe para o solo da história humana um Pai de amor e fecundou essa história com a esperança de seu Reino e de sua graça,

mudando para sempre o curso do mundo a fim de direcioná-lo para esse Deus. A *kenosis* do Filho se apresenta em sua real intensidade ao caminhar entre nós (cf. Jo 1,14), em sua autodoação como liberdade e graça (cf. Jo 3,16-17). E, por isso mesmo, se fez necessário esclarecer o termo *kenosis* para que ficasse evidenciado que o Deus que se revela no Filho é o mesmo Deus de ontem, de hoje e de sempre (cf. Hb 13,8), mantendo a plena divindade e plena humanidade do Filho, pois somente assim, por seu caráter único, o humano e o divino encontraram um ponto de “intercessão” no qual podem se tornar um e, inundar a existência humana com a esperança da plenitude desse encontro escatológico.

Por esse motivo, a abordagem de Fl 2,6-11 se fazia imprescindível para o real entendimento de Fl 2,5, porque assim como ele foi, somos convidados a ser também. Fazia-se necessário demonstrar o nível da entrega e a intensidade do amor do Mestre para qualificar o nível da entrega e a intensidade do amor do discípulo. A fim de se constituírem, verdadeiramente, em sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5,13).

Por fim, concluímos esse trabalho com uma convite a uma reflexão.

Há cerca de dois mil anos, a humanidade foi testemunha de como alguns homens e mulheres movidos por uma esperança mudaram a história do mundo. E hoje, as pessoas esperam ver a mesma revolução. Mais do que presenciarem a milagres e grandes feitos, eles almejam por ter um vizinho gentil; por alguém que se levante de seu assento no ônibus e o ofereça, não por força de qualquer lei, mas por graça; por alguém que se abaixe e dê esmolas, mas que dê atenção ao pedinte; por pessoas que se abstenham de tantos direitos reclamados para que ofereçam algum direito ao outro; até ao ponto de verem que esses são capazes de doarem a própria vida por causa dessa mesma humanidade que se coloca a sua frente. Talvez, não em algum tipo de martírio por causa de uma doutrina que almeja qualquer recompensa, mas deixar de ser o que tiver que ser para que esse outro seja o que ele tiver que ser. São as ações do Reino, as ações da esperança, o agir da autodoação (*kenosis*).

Abnegação é a palavra e não busca por direitos. Humildade, e não soberba. Atenção ao outro, e não shows e grande eventos. Sorriso, e não crítica. Abraço, e não empurrão. Perdão, e não recriminação. Amor, e não ódio. Jesus Cristo, e não eu (cf. Gl 2,20).

Contudo, o paradigma se revela: onde está esse Cristo no meio das pessoas? Está no discípulo: “Sede meus imitadores, como eu mesmo o sou de Cristo” (1Cor 11,1). Este seria um outro modo de dizer: “Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus” (Fl 2,5).